

Dossiê música e cena do Théâtre du Soleil

As comadres de Ariane Mnouchkine

Ariane Mnouchkine faz renascer Les Belles-soeurs no Brasil

Artigo de Jean-Gabriel Carasso
com colaboração de Carlos Fragateiro

Jean-Gabriel Carasso

Ator, diretor, autor e diretor de televisão, graduado pelo Instituto Grenoble de Estudos Políticos. - Diretor da Associação Nacional de Pesquisa e Ação Teatral, ANRAT (em 1997). - Docente da UFR de estudos teatrais da Universidade de Paris III-Sorbonne nouvelle (em 1997). - Dirigiu L'OIZeau rare, uma associação para estudos e pesquisas culturais (em 2005)

Carlos Fragateiro

Carlos Manuel Branco Nogueira Fragateiro (Porto, 1951) é um encenador e professor português. Bacharelou-se em Teatro, na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa (ex-Escola de Teatro do Conservatório Nacional), em 1976; obteve uma mestrise em Educação, vertente de Expressão Dramática, na Universidade de Montreal, em 1988; doutorou-se em Ciências e Tecnologias da Comunicação, na Universidade de Aveiro, em 2001. Foi professor do Magistério Primário e é professor auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, desde 2001. Desempenhou funções como diretor artístico do Teatro Experimental de Leiria, entre 1981 e 1987, da Companhia de Teatro de Aveiro, de 1995 a 1996, do Teatro da Trindade, entre 1997 e 2006, e do Teatro Nacional D. Maria II, entre 2006 e 2008. Também foi vice-presidente do INATEL, entre 1996 e 1999. Autor de vários artigos, dirigiu o Suplemento Juvenil do jornal A República, entre 1973 e 1974. Também colaborou na revista Arte Opinião (1978-1982).

Julia Carrera

Tradução

Resumo

O artigo apresenta as impressões do diretor e teórico Jean-Gabriel Carasso ao acompanhar parte do processo de ensaios e estreia da comédia musical *As Comadres* (2019) no Brasil, com supervisão artística de Ariane Mnouchkine. Mesclando aspectos da encenação, da metodologia de criação e do contexto político brasileiro daquele momento, suas reflexões conduzem o leitor pelos meandros da criação capitaneada pela encenadora francesa, em sua primeira incursão fora do Théâtre du Soleil.

Palavras-chave: Belles-Soeurs, Teatro do Quebec, Arte da cópia, Comédia musical, Processo de criação.

Abstract

*The article presents the impressions of the director and theorist Jean-Gabriel Carasso as he follows part of the rehearsal process and debut of the musical comedy *As Comadres* (2019) in Brazil, with artistic supervision by Ariane Mnouchkine. Merging aspects of the staging, the creative methodology and the Brazilian political context of that moment, his reflections lead the reader through the intricacies of creation led by the French director, in his first foray outside the Théâtre du Soleil.*

Keywords: Belles-Soeurs, Theater of Quebec, Copy art, Musical comedy, Creative Process.

Apresentação

O artigo foi escrito em 2019 e publicado na revista francesa THÉÂTRE(S), edição de n. 18, como uma das primeiras fontes de informação sobre o espetáculo *As Comadres* em língua francesa. O autor, Jean-Gabriel Carasso, veio ao Brasil exclusivamente para acompanhar as últimas semanas do processo de criação e estreia da comédia musical no Festival de Curitiba de 2019, seguindo com a equipe para o Rio de Janeiro onde prepararam a estreia em abril do mesmo ano no Sesc Ginástico.

Jean-Gabriel Carasso dirige a L'Oiseau Rare, uma associação de estudos e pesquisas culturais fundada em 2002 com o objetivo de contribuir para a reflexão geral sobre ações e políticas culturais, para auxiliar a realização de projetos inovadores que permitam a ampliação de públicos, participando ou organizando reuniões, colóquios, seminários, estudos, publicações, produções audiovisuais. Carasso, ex-ator, diretor e diretor da ANRAT, é diretor e autor de vários textos e livros, incluindo *Nos enfants ont-ils droit à l'art et à la culture?* pela Éditions de l'Attribut. Entre 1978 e 1985 trabalho com Augusto Boal no Teatro do Oprimido como co-diretor, além de ator, pedagogo e encenador e seu livro sobre Jacques Lecocq, *O Corpo Poético: Uma pedagogia da criação teatral* foi traduzido em português e lançado no Brasil com bastante repercussão.

Enquanto a trupe do Théâtre du Soleil apresentava Kanata em Paris, sob a direção de Robert Lepage, Ariane Mnouchkine estava liderando uma extraordinária aventura teatral no Brasil.

As Comadres, esse é o seu título, mistura de uma só vez Quebec, França, Brasil, teatro, música, canto, Michel Tremblay, René Richard Cyr, Bertolt Brecht,

Molière e vinte atrizes cantoras (cantoras atrizes). Trata-se da versão brasileira de *Belles-Sœurs*, encenado no Quebec em 2010 por René Richard Cyr, por sua vez uma adaptação musical de *Les Belles-Sœurs* de Michel Tremblay, obra prima da dramaturgia do Quebec. Realizando pela primeira vez uma criação fora do Théâtre du Soleil, Ariane Mnouchkine assinou a supervisão artística deste espetáculo, apresentado recentemente no Festival de Curitiba e depois no Rio de Janeiro. Evento significativo em vários aspectos. Nós estivemos lá!

No início, três atrizes brasileiras próximas do Théâtre du Soleil (Fabianna de Melo e Souza, Julia Carrera, Juliana Carneiro da Cunha) estavam procurando um espetáculo para montar em seu país atormentado pelas dificuldades econômicas, políticas, sociais que conhecemos (foi antes de piorar!). Sensível às suas preocupações, Ariane Mnouchkine propôs-lhes imediatamente *Belles-Sœurs*, que ela assistiu em Paris na adaptação musical e encenação de René Richard Cyr: “a peça é uma obra-prima, a cena perfeita”, disse ela. Um projeto com quinze personagens, escrito em “joual” (língua oral popular do Quebec), envolvendo músicos, cantoras, sem nenhum meio financeiro, o desafio parecia insuperável. No entanto... A vontade, o compromisso, a solidariedade, o trabalho - muito trabalho - possibilitaram alcançar o que, além da aventura artística, constitui na verdade uma aventura humana excepcional.

Uma Obra-Prima

A trama do espetáculo é absolutamente simples: em uma loteria comercial, Germana ganha um milhão de selos bônus para fazer compras. É preciso colá-los em um catálogo para obter vários produtos para reformar sua casa. Ela convida suas irmãs, cunhadas, amigas e vizinhas a virem ajudá-la. Durante esse encontro, os personagens são gradualmente revelados, revelando um arquipélago de tipos e servidões voluntárias, revoltas e resignações, aspectos múltiplos e complementares da condição feminina, como Michel Tremblay havia observado em sua família durante a escrita de seu texto em 1965. O caso termina em ciúmes, drama e traição. Retomada hoje em outra época, outra geografia, em um contexto cultural brasileiro muito distante da América do Norte, essa peça tipicamente do Quebec “não envelheceu; foi traduzida para 25 idiomas e apresentada em muitos países, o que demonstra sua dimensão universal. É por isso que é uma obra-prima” assegura a Ariane Mnouchkine. Os temas do consumo, prazer, drogas, aborto, violência doméstica ou da homossexualidade existem lá como aqui, mais do que nunca na atualidade. O público não se enganou por lá fazendo o triunfo do espetáculo, carregado pelo riso e pela emoção, pela reflexão e pela identificação com personagens do cotidiano, também sensíveis à dimensão musical essencial desta versão. Uma dúzia de músicas, individuais e/ou coletivas, pontuam, esclarecem, aprofundam e contextualizam situações, à maneira das “songs” do teatro de Bertolt Brecht. Indo

muito além de canções simples, elas clarificam o próprio significado do assunto. Grandes momentos de emoções que contrastam com a dimensão cômica quase “*Moliéresca*” de muitas cenas. Passamos do riso às lágrimas, da voz falada à voz cantada, sem distinguir entre esse grupo de vinte atrizes quais são as cantoras que atuam ou as atrizes que cantam. Obra notável da voz, individual e coletiva, na música original de Daniel Bélanger, sob a direção musical de Wladimir Pinheiro.

Uma arte da cópia

A originalidade artística deste projeto é marcada por duas decisões principais tomadas por Ariane Mnouchkine. A primeira: não tocar, se não muito marginalmente, a encenação de René Richard Cyr. Cenário idêntico, figurinos semelhantes, jogos de cena sem modificações. “A encenação era perfeita, por que deveria ser alterada?” ela diz. “Eu fiz apenas um trabalho de transmissão, uma cópia à maneira de pintores que copiam obras de arte em museus. Ou ainda de um modelo de Brecht, que considerava que uma obra teatral não era limitada ao texto, mas incluía todos os elementos da representação”. Ariane Mnouchkine não assina então a encenação, ela indica uma “supervisão artística”, manifestando assim uma modéstia notável para um artista dessa envergadura. Se esse processo de trabalho é encontrado às vezes na coreografia – uma criação pode ser retomada de forma idêntica por um novo coreógrafo – é extremamente raro em questões teatrais. Na verdade, nós o observamos, é a precisão do jogo e das situações, o equilíbrio dos personagens, os ritmos, os contrastes, a qualidade da luz e do som, enfim, a própria vida do espetáculo, a vida no espetáculo, que ela assumiu com a energia e o talento que conhecemos. Lembrando, se necessário, que a encenação não se limita à localização dos elementos, dos movimentos e das imagens produzidas, mas que é de fato o próprio significado dessas imagens e desses movimentos que é preciso destacar, através do jogo e da emoção das atrizes. Foi feito aqui de maneira brilhante, a partir do texto traduzido por Julia Carrera! Copiar, como a tradução, também é uma arte.

Personagens compartilhados

Segunda decisão importante: confiar os quinze papéis da peça a vinte atrizes. “Eu não queria me impor a tortura de escolher entre várias atrizes que eram perfeitas para o papel”. Daí a proposta de dobrar praticamente todos os papéis, cada um confiado a duas atrizes. Essa decisão, difícil para algumas aceitarem – o sentimento de propriedade do papel é sempre poderoso – provou ser uma garantia do risco necessário, da sensibilidade sempre em prontidão

de atrizes que nunca sabem com quem irão interpretar a próxima apresentação ou mesmo se realmente atuarão. Esse processo requer uma partilha real do papel, que é semelhante e singular de acordo com cada atriz. Os ensaios foram fascinantes neste ponto, pois permitiram uma transmissão autêntica do jogo, diretamente entre as atrizes, “como no teatro balinês”.

Como consequência dessa escolha, o espetáculo é acompanhado por um “pequeno coro” no estilo do teatro antigo, composto pelas atrizes/personagens que não estão na apresentação do dia. Liderado por um corifeu, o pequeno coro comenta, apoia, às vezes participa das ações da cena. Alguns personagens podem integrá-lo quando não estão em cena. Essa originalidade significativa que abre e amplia o assunto da peça, lembra evidentemente a estética frequentemente utilizada no Théâtre du Soleil. Acrescentemos que a fórmula do compartilhamento de papéis também responde com agilidade às difíceis condições econômicas de trabalho das atrizes no Brasil, à obrigação de aceitar as propostas que lhes são feitas, correndo o risco de impedir a continuidade do espetáculo tão logo uma dentre elas estivesse ausente. O espectador ideal será, portanto, aquele que assistirá a duas apresentações sucessivas, permitindo que se veja todas as atrizes em ação e perceber as diferenças sutis entre elas!

Comprometimento

Mas é sobretudo o compromisso considerável de todas/todos as/os participantes que faz desta aventura uma experiência teatral, política e humana extraordinária. Reunir vinte e cinco artistas hoje no contexto brasileiro, montar um espetáculo sobre a condição das mulheres precisamente, misturar atrizes de cores e gerações diferentes, garantir uma produção de alta qualidade com tão poucos recursos financeiros... é um ato de resistência, artística e política, contra a condição de minorias, mulheres, artistas, neste país. Sem jamais ser um espetáculo feminista, didático ou pedagógico, nem fazer referência à situação política do momento, *As Comadres* constitui, no entanto, um teatro de profundo compromisso coletivo. “A produção do espetáculo em si constitui uma possível resposta às questões da solidão e da servidão voluntária das mulheres, levadas pela peça”, afirma Ariane Mnouchkine novamente.

Esse espetáculo no Brasil, hoje, ressoa com outros eventos artísticos e culturais, como a proposta da escola de samba Mangueira, que venceu o último carnaval do Rio de Janeiro, graças a um desfile de protesto que fez tributo à vereadora negra eleita Marielle Franco, assassinada há um ano e exibida em um carro alegórico a “ditadura assassina” elogiada pelo presidente da extrema direita Jair Bolsonaro. O Brasil está ferido, mas os espaços de resistência e solidariedade existem. *As Comadres* é um deles.

Esperamos que uma turnê europeia ocorra, em Portugal e talvez na França, para medir a força desse espetáculo. *As Comadres* evidentemente merece ser

apresentado um dia em Paris, no Théâtre du Soleil. O círculo assim estaria completo!¹

(Maio de 2019)

Jean-Gabriel Carasso
com Carlos Fragateiro

¹ Nota da Tradução: este artigo foi escrito originalmente em maio de 2019. Desde então a aventura de *As Comadres* continuou (fez temporada em São Paulo e apresentações pelo interior do Rio de Janeiro), trazendo novas alternâncias de elenco, o que multiplicou as combinações em escala geométrica. Também é preciso dizer que haverá uma turnê europeia do espetáculo, com passagens por Lyon e Boudeaux em junho de 2021 e uma temporada no Théâtre du Soleil em julho do mesmo ano, como atração do Festival d'Été de Paris. Por fim, a produção trabalha fortemente para concretizar uma temporada prevista para agosto de 2021 no Teatro Aberto, em Lisboa.